

BREVE ANTOLOGIA DE BERTOLT BRECHT*

Haroldo de Campos

Pode-se dizer que a posição poética de Bertolt Brecht (1898/1956) é, até certo ponto, simétrica à de Maiakóvski. Daí a oportunidade da divulgação de poemas seus — já que ele é principalmente conhecido entre nós como grande renovador do teatro contemporâneo — em *Tempo Brasileiro*, para que a lição de sua poesia possa ser mediada na atual fase de nossa literatura. Anatol Rosenfeld, no admirável posfácio que escreveu para a edição brasileira do poema “Cruzada de Crianças”, ilustrada por Gerson Knispel (Editora Brasiliense, São Paulo, 1962), acentuou que em Brecht, se pode colher um elevado exemplo de lealdade do artista a um duplo compromisso, ético e estético. E acrescenta: “O que Brecht exige é a transformação *produtiva* das formas, baseada no desenvolvimento do conteúdo social. Mas este desenvolvimento material, por sua vez, *exige* a transformação dos processos formais. Isto explica a pesquisa incansável de Brecht, no terreno da palavra, do estilo, do verso, do ritmo, da cena, do desempenho do ator, da estrutura de sua arte. Esta pesquisa e experimentação incessantes não deixaram de lhe render censuras e a acusação de ser formalista e esteta, quando na realidade a consciência social e a consciência estética se lhe afiguram inseparáveis. O poeta que trai os valores estéticos, isto é, a sua honra profissional, é, no fundo, um traidor de sua consciência social”. Ora, justamente de Maiakóvski é a postulação de que, “sem forma revolucionária, inexistente arte revolucionária”.

A poesia de Brecht, é lícito dizer, aplica à estrutura poemática processos de montagem que podem ser analisados em termos dialéticos, da mesma maneira que Eisenstein interpretava dialeticamente sua teoria de montagem baseada no ideograma chinês. Aliás, a influência da técnica de composição sino-japonesa em Brecht é evidente, seja no seu teatro, que pode buscar uma linguagem na estrutura das peças NÔ, seja na sua poesia, especialmente na da última fase, de extremo despojamento e de arquitetura elíptica, à maneira do "haikai" da tradição nipônica, só que com um nítido cariz crítico (como de restos muitos "haicais", inclusive do mestre do gênero, Bashô, pois é um equívoco imaginar-se que o breve poema japonês se preste apenas a efeitos líricos-paisagistas). Patrick Bridgwater (*Twentieth-Century German Verse*, Penguin, 1963) registra as traduções do orientalista Arthur Waley e, possivelmente, a poesia de Ezra Pound como instigadores dessa linha brechtiana. Compare-se, nesse sentido, o confuciano "Canto 13" de EP com poema "Citação" de BB, ora traduzido (Brecht, como se sabe, era um admirador das "definições precisas" de Confúcio).

O caráter anti-ilusionista da técnica poemática de Brecht é ressaltado por Walter Jens, em posfácio aos *Poemas Escolhidos* (*Ausgewählte Gedichte*, Suhrkamp Verlag, 1960) do poeta alemão. Esse efeito se encontra especialmente em poemas escritos no exílio (em "basic German" segundo expressão do próprio Brecht), no fim da década de 30. Nessas composições lacônicas ("Hollywood" é um exemplo paradigmático), o poeta, diz Jens, "trabalha preferencialmente com reduções, como rarefações e abreviaturas estilísticas, de uma tal audácia que o contexto omitido compensa a dimensão escrita do texto"; seu método consistiria em "enfileirar frases justapostas, entre as quais o leitor, para compreender o texto, deve inserir articulações". Anatol Rosenfeld, analisando este procedimento à luz do "Verfremdungseffekt" ("efeito de alienação"), típico do teatro brechtiano, acrescenta: "O choque alienador é suscitado pela omissão sarcástica de toda uma série de elos lógicos, fato que leva à confrontação de situações aparentemente desconexas e mesmo absurdas. Ao leitor assim provocado cabe a tarefa de restabelecer o nexos". Para o leitor brasileiro, será fascinante cotejar os breves produtos da fase madura de Brecht com a

poesia-minuto de Oswald de Andrade, escrita cerca de uma década antes, dotada de igual (senão maior) radicalidade lingüística e de semelhante gume crítico (poemas como "Nova Iguaçu", "Biblioteca Nacional", "Agente", "Música de Manivela", "Ideal Bandeirante", "Reclame", "Anúncio de São Paulo" etc.).

Na atual literatura alemã, dois poetas de categoria, Helmut Heissenbüttel (nascido em 1921) e Hans Magnus Enzensberger (nascido em 1929), o primeiro da vanguarda extrema, o segundo da vanguarda mais moderada, retomam e reelaboram, cada qual segundo seus objetivos (que por vezes se encontram), as premissas da poética e da poesia brechtianas.

So viele Fragen.
So viele Berichte.
Wer bezahlte die Spanen?
Alle zehn Jahre ein großer Mann.
Wer kochte den Siegeschmaus?
Jede Seite ein Sieg.
Siegte außer ihm?
Friedrich der Zweite siegte im siebenjährigen Krieg. Wer
Untergegangen war. Weinte sonst niemand?
Philipp von Spanien weinte als seine Platte
Hätte er nicht wenigstens einen Koch bei sich?
César schlug die Gallier.
Er allein?
Der junge Alexander eroberte Indien.
Die Erobernden nach ihnen Sklaven.
Büchlein in der Nacht, wo das Meer es verschlang
sagenhaften Atlantis
Nur Paläste für seine Bewohner? Selbst in dem

2. ZITAT

Wie soll ich antworten, wenn ich nicht gefragt werde?
Warum soll ich Zeit verlieren über Versen, wenn die Zeit
berühmt bin?
Wie soll ich unsterbliche Werke schreiben, wenn ich nicht
Der Dichter kein sagte.

1. FRAGEN EINES LESENDEN ARBEITERS

Wer baute das siebentorige Theben?
 In den Büchern stehen die Namen von Königen.
 Haben die Könige die Felsbrocken herbeigeschleppt?
 Und das mehrmals zerstörte Babylon —
 Wer baute es so viele Male auf? In welchen Häusern
 Des goldstrahlenden Lima wohnten die Bauleute?
 Wohin gingen an dem Abend, wo die Chinesische Mauer
 fertig war
 Die Maurer? Das große Rom
 Ist voll von Triumphbögen. Wer errichtete sie? Über wen
 Triumphierten die Cäsaren? Hatte das vielbesungene By-
 zanz
 Nur Paläste für seine Bewohner? Selbst in dem
 sagenhaften Atlantis
 Brüllten in der Nacht, wo das Meer es verschlang
 Die Ersaufenden nach ihren Sklaven.
 Der junge Alexander eroberte Indien.
 Er allein?
 Cäsar schlug die Gallier.
 Hatte er nicht wenigstens einen Koch bei sich?
 Philipp von Spanien weinte, als seine Flotte
 Untergegangen war. Weinte sonst niemand?
 Friedrich der Zweite siegte im Siebenjährigen Krieg. Wer
 Siegte außer ihm?
 Jede Seite ein Sieg.
 Wer Kochte den Siegesschmaus?
 Alle zehn Jahre ein großer Mann.
 Wer bezahlte die Spesen?
 So viele Berichte.
 So viele Fragen.

2. ZITAT

Der Dichter Kin sagte:
 Wie soll ich unsterbliche Werke schreiben, wenn ich nicht
 berühmt bin?
 Wie soll ich antworten, wenn ich nicht gefragt werde?
 Warum soll ich Zeit verlieren über Versen, wenn die Zeit
 sie verliert?

1. PERGUNTAS DE UM OPERÁRIO QUE LÊ

Quem construiu Tebas, a de sete portas?
Nos livros, ficam os nomes dos reis.
Os reis arrastaram os blocos de pedra?
Babilônia, muitas vezes destruída,
Quem a reconstruiu tantas vezes? Em que casas
De Lima auri-radiosa moravam os obreiros?
Para onde foram, na noite em que ficou pronta a muralha
da China,
Os pedreiros? A grande Roma
Está cheia de arcos de triunfo. Quem os erigiu? Sobre
quem
Triunfaram os Césares? Bizâncio multicelebrada
Tinha apenas palácios para seus habitantes? Mesmo na
legendária Atlantis,
Na noite em que o mar a sorveu,
Os que se afogavam gritavam por seus escravos.
O jovem Alexandre conquistou a Índia.
Ele sozinho?
César bateu os gauleses.
Não levava pelo menos um cozinheiro consigo?
Felipe de Espanha chorou, quando sua armada
Foi a pique. Ninguém mais teria chorado?
Frederico II venceu a Guerra dos Sete Anos. Quem
Venceu junto?
Por todo canto uma vitória.
Quem cozinhou o banquete da vitória?
Cada dez anos um grande homem.
Quem pagou as despesas?
Histórias de mais.
Perguntas de menos.

2. CITAÇÃO

O poeta Kin disse:
Como escrever obras imortais, se não sou conhecido?
Como responder, se não me fazem perguntas?
Por que perdem tempo com versos, se o tempo os perde?
Escrevo minhas proposições numa língua durável
Pois temo passe muito tempo antes que se executem.

Ich schreibe meine Vorschläge in einer haltbaren Sprache
 Weil ich fürchte, es dauert lange, bis sie ausgeführt sind.
 Damit das Große erreicht wird, bedarf es grobe Änderun-
 gen.

Die kleinen Änderungen sind die Feinde der großen Än-
 derungen.

Die kleinen Änderungen sind die Feinde der großen Än-
 derungen.

Ich habe Feinde. Ich muß also berühmt sein.

3. LOB DER DIALEKTIK

Das Unrecht geht heute einher mit sicherem Schritt.

Die Unterdrücker richten sich ein auf zehntausend Jahre.

Die Gewalt versichert: So, wie es ist, bleibt es.

Keine Stimme ertönt außer der Stimme der Herrschenden

Und auf den Märkten sagt die Ausbeutung laut: Jetzt
 beginne ich erst.

Aber von den Unterdrückten sagen viele jetzt:

Was wir wollen, geht niemals.

Wer noch lebt, sage nicht: niemals!

Das Sichere ist nicht sicher.

So, wie es ist, bleibt es nicht.

Wenn die Herrschenden gesprochen haben

Werden die Beherrschten sprechen.

Wer wagt zu sagen: niemals?

An wen liegt es, wenn die Unterdrückung bleibt? An uns.

An wem liegt es, wenn sie zerbrochen wird? Ebenfalls an
 uns.

Wer niedergeschlagen wird, der erhebe sich!

Wer verloren ist, kämpfe!

Wer seine Lage erkannt hat, wie soll das aufzuhalten sein?

Denn die Besiegten von heute sind die Sieger von morgen

Und aus Niemals wird: Heute noch!

Para alcançar o grandioso são necessárias grandes transformações.

Pequenas transformações são inimigas de grandes transformações.

Tenho inimigos. Logo, devo ser conhecido.

3. ELOGIO DA DIALÉTICA

A injustiça vai por aí com passo firme.

Os tiranos se organizaram para dez mil anos.

O poder assevera: Assim como é deve continuar a ser.

Nenhuma voz senão a voz dos dominantes.

E nos mercados a espoliação fala alto: agora é minha vez.

Já entre os súditos muitos dizem:

O que queremos, nunca alcançaremos.

Quem ainda é vivo, nunca diga: nunca!

O mais firme não é firme.

Assim como é não ficará.

Depois que os dominantes tiverem falado

Falarão os dominados.

Quem ousa dizer: nunca?

A quem se deve a duração da tirania? A nós.

A quem sua derrubada? Também a nós.

Quem será esmagado, que se levante!

Quem está perdido, que lute!

Quem se apercebeu de sua situação, como poderá ser detido?

Os vencidos de hoje serão os vencedores de amanhã.

De nunca sairá: ainda hoje.

4. ZEITUNGLESEN BEIM THEEKOCHEN

Frühmorgens lese ich in der Zeitung von epochalen Plänen
Des Papstes und der Könige, der Bankiers und der Ölbarone.
Mit dem anderen Auge bewach ich
Den Topf mit dem Theewasser
Wie es sich trübt und zu brodeln beginnt und sich wieder klärt
Und den Topf überflutend das Feuer erstickt.

5. AUF EINEN CHINESISCHEN THEEWURZELÖWEN

Die Schlechten fürchten deine Klaue.
Die Guten freuen sich deiner Grazie.
Derlei
Hörte ich gern
Von meinem Vers.

6. EPITAPH FÜR M.

Den Haien entrann ich
Die Tiger erlegte ich
Aufgefressen wurde ich
Von den Wanzen.

7. RUDERN, GESPRÄCHE

Es ist Abend. Vorbei gleiten
Zwei Faltboote, darinnen
Zwei nackte junge Männer: Nebeneinander rudern
Sprechen sie. Sprechend
Rudern sie nebeneinander.

8. VERGNÜGUNGEN

Der erste Blick aus dem Fenster am Morgen
Das wiedergefundene alte Buch
Begeisterte Gesichter
Schnee, der Wechsel der Jahreszeiten

4. LENDO O JORNAL ENQUANTO FERVE O CHÁ

De manhã cedo leio no jornal os memoráveis planos
dos Papa e dos reis, dos banqueiros e dos magnatas do
petróleo.

Com o rabo do olho vigio
a panela com água para o chá
como esta fica turva e borbulha e de novo se aclara
e ao transbordar do vaso apaga o fogo.

5. SOBRE UM LEÃO CHINÊS DE RAIZ DE CHÁ

Os maus temem tuas garras.
Os bons alegram-se com teu garbo.
O mesmo
quero ouvir
de meus versos.

6. EPITÁFIO

Escapei aos tigres
Nutri os percevejos
Fui devorado
Pela mediocridade.

7. REMAR, CONVERSA

Noite. Passam deslizando
dois barcos. Dentro
dois jovens. Torsos
nus. Lado a lado remando
conversam. Conversando
remam lado a lado.

8. O PRIMEIRO OLHAR PELA JANELA DE MANHÃ

O primeiro olhar pela janela de manhã.
O velho livro redescoberto.
Rostos entusiasmados.
Neve, o câmbio das estações.

Die Zeitung
 Der Hund
 Die Dialektik
 Duschen, Schwimmen
 Alte Musik
 Bequeme Schuhe
 Begreifen
 Neue Musik
 Schreiben, Pflanzen
 Reisen
 Singen
 Freundlich sein.

9. RÜCKKEHR

Die Vaterstadt, wie find ich sie doch?
 Folgend den Bomberschwärmen
 Komm ich nach Haus.
 Wo denn liegt sie? Wo die ungeheueren
 Gebirge von Rauch stehn.
 Das in den Feuern dort
 Ist sie.
 Die Vaterstadt, wie empfängt sie mich wohl?
 Vor mir kommen die Bomber. Tödliche Schwärme
 Melden euch meine Rückkehr. Feuersbrünste
 Gehen dem Sohn voraus.

10. BÖSER MORGEN

Die Silberpappel, eine ortsbekannte Schönheit
 Heut eine alte Vettel. Der See
 Eine Lache Abwaschwasser, nicht rühren!
 Die Fuchsien unter dem Löwenmaul billig und eitel.
 Warum?
 Heut nacht im Traum sah ich Finger, auf mich deutend
 Wie auf einen Aussätzigen. Sie waren zerarbeitet und
 Sie waren gebrochen.
 Unwissende! schrie ich
 Schuldbewußt.

O jornal.
 O cão.
 A dialética.
 Duchas, nadar.
 Música antiga.
 Sapatos cômodos.
 Compreender.
 Música nova.
 Escrever, plantar.
 Viajar, cantar.
 Ser cordial.

9. REGRESSO

A cidade natal, então, como a encontro?
 Depois dos exames de bombas
 Volto ao lar.
 Onde ela está? Onde estão os enormes
 Montes de fumaça.
 Aquilo entre as chamas ali
 É ela.
 A cidade natal, então, como me acolhe?
 Antes de mim vêm as bombas. Exames mortais
 Vos anunciam meu regresso. Labaredas rugindo
 Antecipam-se ao filho.

10. MANHÃ MALIGNA

O álamo branco, famosa beldade local
 hoje uma velha bruxa. O lago
 um charco de águas de lavagem. Não agitar!
 As fúcsias junto à boca-de-leão — baratas e fúteis.
 Por quê?
 À noite em sonho eu vira dedos que me apontavam
 como um leproso. Dedos rotos
 dedos tortos.
 Ignorantes! gritei
 cheio de culpa.

11. HOLLYWOOD

Jeden Morgen, mein Brot zu verdienen
Gehe ich auf den Markt, wo Lügen gekauft werden.
Hoffnungsvoll
Reihe ich mich ein zwischen die Verkäufer.

12. DIE MASKE DES BÖSEN

An meiner Wand hängt ein japanisches Holzwerk
Maske eines bösen Dämons, bemalt mit Goldlack.
Mitfühlend sehe ich
Die geschwollenen Stirnadern, andeutend
Wie anstrengend es ist, böse zu sein.

11. HOLLYWOOD

Toda manhã, para ganhar meu pão
Vou ao mercado, onde se compram mentiras.
Cheio de esperança
alinho-me entre os vendedores.

12. A MÁSCARA DO MAL

Na minha parede, a máscara de madeira
de um demônio maligno, japonesa —
ouro e laca.
Compassivo, observo
as túmidas veias frontais, denunciando
o esforço de ser maligno.

Nota

* O presente trabalho já foi publicado em *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, Ano IV, Abril-junho 1966 N. 9/10. Está sendo reproduzido aqui com a autorização do autor.